O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 5 | RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1917 | REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 215-215 Telefone C. 1.499

Recordando...

A 7 de janeiro prossimo completam-se precizamente 4 anos que os trabalhadores da nossa classe, fartos de serem iludidos com as promessas fementidas de uma emancipação vinda do alto, lançavam-se rezolutamente na conquista dos seus direitos conspurcados pelo capitalismo uzurpador e parazitario, tomando diretamente por suas mãos uma parcela de liberdade, que, por muitos anos, em vão suplicára e implorára, por assim dizer, aos poderes publicos.

Foi um gesto de altiva e bela rebeldia, uma afirmação potente da nossa dignidade, aquele repentino e inopinado abandono do trabalho, significando ao patronato explorador e ao Estado, seu historico aliado, que daquele momento em diante uma nova éra se iniciava, novos horizontes se rasgavam ás reinvidicações de classe dos trabalhadores em hoteis e restaurants sempre escarnecidos, sempre vilipendiados nos seus mais comezinhos direitos de homens.

E si, infelizmente, dele não rezultaram grandes vantajens materais, pelo menos ofereceu-nos a oportunidade bemfazeja de uma sempre fecunda lição de fatos, obrigando-nos a refletir nos ensinamentos que deles decorrem. Com efeito, apezar de ser um movimento sem quazi nenhuma propaganda prévia, teve comtudo o efeito de um formidavel petardo lançado nos arraiais da burguezia aturdida pelo estrépito do gesto tão inesperado quanto ela se acostumára á passiva submissão dos seus escravos.

Por outro lado o movimento de 7 de janeiro de 1912 teve tambem o mérito de evidenciar aos trabalhadores em hoteis e restaurants — que tão necessitados andam ainda hoje desses sujestivos ezemplos, — a absoluta ineficacia da chamada lejislação social e a impotencia do Estado para solucionar os conflitos surjidos entre o Trabalho e o Capital.

Poucos dias de ezistencia contava ainda a famoza lei de "fechamento das portas", vinda á luz da vida atravéz das dores de um parto laboriozo, arrancada ao lejislativo municipal, pela pressão das ruas, e já uma parte consideravel dos trabalhadores, aos quais ela vinha beneficiar, sentiam-se na necessidade imperioza de lançar-se numa gréve afim de *efetivar* as insignificantes melhorias que essa lei lhes outorgava!

O cazo é que os encarregados de a ezecutar, obedecendo, sem duvida, a injunções de ordem superior, a que eles, como lejitimos erprezentantes do capitalismo, não se podem subtrair, haviam encontrado na propria lei subterfujios e sofismas para se escuzarem ao cumprimento das suas determinações...

Ora isto põe de manifesto que os trabalhadores, na luta pela sua emancipação têm que cocntar excluzivamente com os seus proprios esforços, sem intermediarios, frente a frente com o inimigo, ezijindo com a fronte altivamente erguida.

O governo, que mentirozamente se inculca como o fiel da balança entre as duas classes historicamente rivais, de interesses antagonicos, na verdade não é sinão o guarda vijilante dos iniquos privilejios capitalistas. Consequentemente de motu proprio, nada fará em defeza dos trabalhadores, porque qualquer concessão que lhes fizer rezultará em detrimento da classe capitalista, isto é, dos seus amos. Todavia, si levado pela necessidade de satisfazer aos reclamos da opinião publica, o fizer, não passará de "letra morta" desde que os trabalhadores não estejam capacitados intelectualmente para efetival-a.

Daí a inutilidade sinão a propria nocividade das leis perante as reivindicações operarias.

" Deveriam ser suprimidas todas as famozas leis operarias. Cada uma delas significa um atrazo, ou, pelo menos, uma detenção na evolução social. Graças a elas, julga-se dar um passo para a frente, quando, na verdade, se está parado e sem pensar em avançar mais...

Em vão serão votadas leis democraticas. O operario será sempre uma vitima delas, emquanto se não proceder á unica medida eficaz: a supressão do Capital." (Do livro *O ezercito nas gréves*).

Por conseguinte, cabe aos que militam no seio da nossa classe, onde desgraçadamente predominam em grande parte os maiores prejuizos, os habitos de servidão e esse nefasto espirito de confiar a terceiros a defeza dos proprios interesses, esperando a sua salvação; "do mesmo que os antigos judeus esperavam o messias salvador", cabe — diziamos — enveredar a propaganda por uma nova senda, não lhes acenando, como até aqui, com vantajens tranzitorias ou mesquinhas, como empregos, assistencia judiciaria ou beneficencia em cazo de molestia, mas assinalando-lhe claramente o dever que lhes impõe a pozição em que se acham colocados na sociedade capitalista, onde, apezar de concorrerem com o seu trabalho para o luxo de que gozam os senhores do capitalismo, *vivem* espoliados, sujeitos á mais degradante servidão; apontando-lhes francamente a fonte donde dimanam todos os seus sofrimentos, todo o seu máu estar; despertando em suma a clara conciencia de classe.

Tratemos da vida! Isto é: organizemo-nos para pôr um freio á exploração capitalista, impedindo assim, que pelo ecésso de trabalho esgotemos rapidamente as nossas forças e por fim, alquebrados, nos vejamos na dura contingencia de recorrermos á beneficencia.

Levantemos bem alto as nossas aspirações e encaminhemol-as para o ideal de uma sociedade de justiça e liberdade, onde, abolido o rejimen iniquo do salariato, o trabalho nobilitado, já não será um stigma nem tampouco uma punição divina, mas condição primordial da ezistencia.

Preparemo-nos para um novo *sete de janeiro*, a que decerto a inelutavel fatalidade da LUTA DE CLASSES nos arrastará, mas que o novo movimento seja de rezultados mais fecundos, de alcances mais elevados, que seja como que o inicio da Grande Revolução que hade declarar extinta na face do planeta a ignominioza exploração do homem pelo homem, como complemento necessario da Grande Revolução Franceza declarando *teoricamente* que os homens nacem livres e iguais em direitos e deveres!

DECENDO DA MONTANHA

(*Continuação*)

Muito facilmente. Dada a circumstancia de inferioridade mental em que são colocados os desherdados, devido á deficiente instrução fornecida pelo Estado, os governantes (genuinos reprezentantes da classe capitalista) conseguem facilmente iludir os proletarios, acenando-lhes com breves melhorias e invocando os interesses *sagrados* da patria, o respeito á autoridade constituida e a obediencia ás leis.

Os produtores, sem procurarem saber o que é a lei e qual o seu fim determinante, obedecem-lhes, sem comprenderem o que é a patria, defendem-na; sem perceberem o alcance do principio de autoridade, e a sua missão arbitraria, curvam-se humildes perante os seus reprezentantes.

São os mais *intelijentes* que estão encarregados de dirigir os destinos da humanidade, e, como os proletarios estejam impossibilitados de tomar um logar nas universidades, é-lhes impossivel conseguir um gráu de evolução mental que lhes proporcionem o diploma de *inteligente* para conseguir um posto de destaque nos negocios publicos. O Estado, com todo o seu mecanismo social, tem que fatalmente ser didijido pelos potentados, dada a hierarquia social imperante.

Mas, pouco interessaria ao bem estar do proletariado que a *élite* da humanidade tentasse erijir-se na orjia e na opulencia, sobre os seus sofrimentos e mizerias si estes tivessem a sua mentalidade dezenvolvida, capaz de comprehender os principios da egualdade economicac bazeada na sublime solidariedade universal.

Si o proletariado tivesse um momento de lucidez e refletisse um instante sobre as condições de escravidão degradante a que está submetido na sociedade capitalista, os governantes seriam, ato continuo, absorvidos pelo agitar violento da onda avassaladora das multidões revoltadas.

E' natural que apareçam pastores em determinados pontos, porque quando se manifesta a ezistencia de rebanhos humildes ali se torna necessaria a sua ação. Mas o que é verdade é que pouco importava que surjissem sobre a terra homens com a pretenção de governar, si não tivessem a quem. Infelizmente hoje, em pleno seculo XX, em periodo em que a civilização capitalista, deu o seu ultimo esboço de grandeza, ainda é possivel governar-se o mundo de acordo com os governantes, isto é, os mizeraveis, os famintos, mancomunados com os potentados e arjentarios do capital, seguem de acordo pela espinhoza estrada da vida, aceitando a monstruoza dezigualdade como um fatalismo historico.

As redeas administrativas da sociedade está nas mãos dos membros da classe elevada que delas se apossaram; mas, sem o aussilio estupendo das multidões inconcientes, lhes seria impossivel manter-se por muito tempo. Os senhores da vida e da felicidade universal fazem leis, mas não têm força propria para fezel-a cumprir, são oficiais mas não são soldados, mandam matar mas não são verdugos, são mantenedores de carceres, mas não são carcereiros.

Si a maioria da humanidade que vive condenada á mizeria, refletisse um momento sobre o seu estado degradante, a derrocada da tirania social seria uma questão de momento.

São os trabalhadores os que arrancam do seio das montanhas a pedra para construir os carceres, dos quais eles, em dias não lonje, serão hospedes talvez eternos, nos seus torrificos quartos rezervados. São os trabalhadores que erguem nas praças publicas os revoltantes patibulos que eles certamente estrearão.

São eles que garantem a *paz social*, isto é, constituem o corpo de segurança publica que garante a intanjibilidade do *sagrado* principio da autoridade, impedindo a bemfazeja expropriação do capital.

Emfim são eles, pela sua ignorancia, o maior sustentaculo da sociedade prezente. Eles cumprem ou fazem cumprir pela força, aos seus irmãos de infortunio, as ordens emanadas do alto pedestal da governança...

— Que mizeravel condição de vida é a dos proletarios, comparsas desse triste espetaculo que avilta a dignidade humana!

Os governos têm abraçado sempre de bom grado, desde as primeiras manifestações da sua ezistencia, todos os principios relijiozos, com o fito unico de estabelecer as bazes de uma moral social, capaz de castrar os sentimentos mais revoltados contra as injustiças capitalistas. As relijiões são um tremendo obstaculo ao dezenvolvimento moral, intelectual e economico do proletariado universal. Elas instituem costumes nocivos, como, por ezemplo, a esmola que envilece a dignidade do homem.

E os mizeraveis, quando deviam tomar uma atitude de altiva revolta, para não sucumbir no lamaçal social, propendem mais facilmente a aceitar a esmola que lhe é estendida pelos mesmos que hontem os exploravam na fabrica, no campo e na oficina, extorquindo-lhes o produto do seu trabalho com o assentimento das leis estabelecidas e garantidas pelo Estado.

O Estado, pois, mancomunado com a relijião completa da obra nefasta aspirada pela burguezia imperante.

As relijiões estabelecem o principio de uma moral ferrea e o Estado, apoiado nesse principio, estabelece a submissão ao culto da força.

Longos anos de martirio são já transcorridos desde o periodo embrionario da humanidade, sem que ainda tenha conseguido libertar-se dos costumes selvajens dos tempos pre-historicos.

Todas as relijiões são bazeadas nos principios mitolojicos. Elas nas suas preces pretendem sempre consolar os tristes, "dar de comer a quem tem fome" e lastimar com lagrimas de crocodilo a "sorte" dos infelizes que não são acariciados pela proteção divina. Elas têm o massimo empenho em aconselhar a humildade e a rezignação aos filhos espurios do suposto deus, isto é, naturalmente com o interesse de castrar nos desherdados as ancias de revolta que por momentos se ajitam nos seus peitos escarnecidos.

E é assim que os trabalhadores, devido ao seu atrazo mental, ainda fazem côro com o mizeravel e criminozo rejimen social capitalista, sem refletir um momento na sua situação. Em virtude da sua desgraçada falta de compreensão continuam sendo os eternos carneiros sempre dispostos a seguir os passos dos seus pastores.

E' no seu seio que está a alma de todas as datas historicas.

A sua força incoerente é o fator de todos os crimes e das mais nobres ações historicas de justiça e liberdade.

Não trepidam em lançar-se numa aventura guerreira por ordem de um prezidente, rei ou imperador, sob pretexto de defender os interesses da patria em perigo.

— Tenho escutado a sua clara espozição com a massima atenção, e no decorrer dela, já por algumas vezes notei que pronunciais uma palavra para mim incompreensivel: — Que quer dizer patria?

(Continua)

O dia de 8 horas

Não são poucos os argumentos de varia ordem a favor da jornada de oito horas de trabalho. Argumentos de ordem material e moral, provando todos serem duplas as vantajens daquele tempo massimo de duração de labor: vantajens para o trabalhador e vantajens para o trabalho.

A este proposito é interessante rejistrar um telegrama que a Ajencia Americana recebeu ha mezes, de Montevidéo:

"*Montevidéo, (A. A.)* — Devido á adoção do dia de oito horas de trabalho, nos estabelecimentos industriais e comerciais, verificou-se que aumentou estraordinariamente a concurrencia de adultos ás escolas noturnas."

A Noite intitulou deste modo a local em que vinha esse despacho: *Uma boa consequencia do dia de oito horas*. Rejistre-se igualmente.

As mizerias da classe

No dia 28 de Outubro proximo passoda apareceu aqui no Rio, *O Cosmopolita*, sendo os seus editores um punhado de rapazes de boa vontade com o unico fim de tratar excluzivamente dos interesses da classe.

Verdadeiramente é de lamentar a triste situação porque está passando a nossa classe, graças ao espirito de tirania e carrancismo dos patrões.

O abaixo assinado pela parte que lhe toca, desde já, oferece-se a ajudar-lhes pontualmente a botar a sua pá de terra, para depois sacudir-lhes a poeira a essa malta repugnante de patrões e seus dignos aussiliares.

Ao demais tambem me ofereço a dar o alarme por meio das colunas deste jornal nosso defensor afim de chamar a atenção de todos os nossos colegas de infortunio para que acudam a prestarnos o seu apoio, para que todos reunidos, sejam um punhado maior, podendo com vantajem medir forças com os nossos exploradores, entrando-lhes de rijo, para pôr termo ás injustiças e abuzos que cometem os patrões e seus reprezentantes.

Do contrario, a continuar assim, para onde vamos?

Para a perpetuidade da escravidão, para a vergonha e, por ultimo, para a morte.

Discutamos um pouco por que tudo tem seus limites, lutemos para regulamentar o nosso trabalho, para conquistar os nossos direitos.

Ao menos imitemos os nosso colegas vizinhos de S. Paulo, Santos e Buenos Aires que trabalham sem ser debaixo de chicote, porque sabem reajir e fazem-se respeitar, o que não acontece aqui no Rio, onde o carrancismo é sempre o mesmo e as infamias continuam cada vez mais audaciozas.

Os anos passados foram como esse e os vindouros serão como os outros, e assim continuaremos nesta mizeria apagada e vil tristeza.

A nossa classe tudo consente e por tudo passa, sem uma reação, sem vestijios siquer de revolta, tudo pôdre, tudo morto.

Que desgraça ter nacido para vir, tão lonje, viver no meio desta classe sem brio, sem dignidade, sem altivez!

Que somos nós? somos o mesmo que o mizero leão enjaulado, sem unhas, sem dentes, ameaçado com o chicote do domador. Vivemos na vergonha humilhante dos escravos, fronte vergada, rizo nos labios, a trabalhar para o sustento e prosperidade dos patrões.

Que desgraça não podermos combater com ezito, por falta de espirito associativo e sentimento de rebeldia dos nossos companheiros, a iniquidade de burguezes enriquecidos á custa do nosso suor!

Para cumulo somos supliciados com toda a qualidade de insultos, de ameaças pronunciadas por esse elemento parazitario, tal qual como as alinarios que puxam pezadas viaturas são a todo instante fustigados pelo latego impiedozo e deshumano do condutor.

E' o que se está dando em quasi todos os hoteis restaurants, bars e cafés do Rio de Janeiro.

Mas, que pouco brio de nossa parte, que lastima!

Que somos nós? Um rebanho de carneiro insensivelmente levados ao matadouro da exploração capitalista.

Ainda mais. Somos charco de rãs, finjindo gente, imundicie humana!

E' ir vivendo e morrendo neste meio nojento...

VIDRINES.

Os tres pontos capitais

I

A HONRA

Noite fria, mas linda.

Iimpida, transparente.

O céu aprezentava-se toldado de estrelas que brilhavam parecendo sorrir.

Tudo isto, prateado ainda pelo luar seria deliciozo, si um frio que enrejelava os nervos não viesse ofuscar a natureza.

Realmente, julho de mil novecentos e treze, foi um tanto invernozo.

Não chovia, porém. Apenas um fino vento fustigava o rosto dos tranzeuntes, que o ocultavam tanto quanto era possivel no sobretudo de que um ou outro se fazia acompanhar.

No mar, a lua, na direção do Pão de Assucar, fazia estender sua estrada de perolas que vinham quazi beijar a praia.

Oito horas da noite, marcava o relojio do pavilhão de regatas.

Ali, quasi em frente, um belo palacete inundado de luz, luz que não cabendo nos salões transpõe o jardim, espalha-se nas largas avenidas e vai perder-se no mar.

E' aí a rezidencia do comendador Gonçalves, cavalheiro que enriqueceu não se sabe como. Essa riqueza, esse fausto, esse luxo são de proveniencia duvidoza. Mas que importa? O comendador goza das melhores relações entre a alta sociedade, e é o suficiente. O resto nada vale.

Sua filha Alzira completa dezoito annos, e o comendador comemora essa data com uma grande festa para a qual convidou as pessoas de suas relações.

Oito horas e meia.

O palacete começa movimentando-se.

Ao portão, na rua, o movimento de automoveis é dezuzado. Uns que chegam cheios, outros que saem vazios. Um reprezentante da autoridade ali está para regularizar a boa ordem do tranzito para que nada falte.

E' precizo que a festa seja imponente, e a má ordem dos carros podia tirarlhe algum brilho; por isso lá está o guarda civil. E depois, para que eziste a policia?

Nove horas.

De cima, do salão, ouvem-se os trechos harmoniozos, leves e serenos, duma compozição talvez de Chopin.

O movimento agora é enorme. O salão repleto. A grande escadaria, cheia, e por entre os canteiros do jardim, pares enlaçados confundem-se com as flores. A's vezes o estalar d'um beijo que se dilue com o sussurro dos rizos e gargalhadas.

Tudo alegria, felicidade, grandeza!

Saiamos. Ha alegrias que são como o vinho: é agradavel, mas embriaga.

II

A MIZERIA

Nove horas desse mesma noite.

Pela rua Marquez de Abrantes, sóbe uma criancita. Na praia de Botafogo, ela dobra á direita. E' extremamente linda. Os cabelos côr de ouro, bastante crecidos, esvoaçados pelo vento frio e cortante, caem-lhe em cachos, dezalinhados pelos hombros. O frio, é horrivel; parece aumentar com o avanço da noite, e essa infeliz, tem apenas por vestuario uma calcita esburacada que lhe chega aos joelhos. O resto do corpo, cobre-o os rasgões d'uma camiza de chita. Descalça, ela chora. Vagarozamente, tremula, os dentes batendo uns nos outros, o rosto inundado de lagrimas, ela vai caminhando, as mãos nos bolsos das calças, o corpo encolhido.

E o frio parece aumentar, sempre, sempre!

Os bondes, passam, as cortinas corridas, e, si se diviza algum passajeiro, vê-se que procura ocultar o rosto e o corpo tanto quanto é possivel.

Na rua Marquez de Olinda, a criança pára. Olha para um lado, para o outro; no rosto adivinha-se-lhe espanto. As lagrimas aumentam, parece perdida.

—Que frio!... — Murmura tremendo, os braços agora cruzados, procurando ocultar o rosto n'eles.

Frio! Ter frio com seis anos apenas!

Ah! deve ser terrivel!...

Porque não podia ter mais que seis anos! A sua fizionomia, a sua estatura, tudo nela denotava essa edade.

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano	5$000
Semestre	3$000

Agora, ela caminha novamente, sempre vagarozamente.

Um pouco adiante, ela pára. Qualquer coisa lhe desperta a atenção.

Um palacio em festa, muito iluminado; na frente, um grande jardim onde os cordões com lampadas multicores se cruzam. A muzica parou; agora, os pares enlaçados decem a grande escadaria de marmore. Vêm satisfeitos, felizes; sorriem. A infeliz criança já não chora mas tambem não ri. Tudo aquilo lhe parece um sonho. Ela mesma sente-se mais satisfeita, quasi feliz. Sente menos frio. Realmente, o ambiente é mais agradavel. A luz que transborda do palacio parece tornar a temperatura menos dezesperadora. Não tem mais frio, só sente fome...

—Que fome ! — diz ela muito baixinho.

E é assim. Ha pouco tinha fome e frio, mas o frio é que mais a martirizava e não se lembrava do outro mal; agora, um passara, mas sentia o outro.

E ali, junto d'ela, dentro do jardim, algumas crianças como ela, bricavam com biscoitos atirando-os umas ás outras e deixando-os cair abandonados no gramado. Que bom seria, se podesse comer um !

Instintivamente, ela caminhou para o portão, andou uns cinco passos na direção d'um dos canteiros onde estavam alguns desses alimentos que serviam de divertimento ás outras crianças. Abaixou-se, ia apanhar um, quando si sentiu atropelado, surrado. Umas vinte mãos cairam impavidadas e valorozas sobre ela, cobrindo-a de ameaças e imprecações.

— Olha o ladrão !...
— Vagabundo !...
— Moleque !...
— Sujo !...
— Porco !...

Um sujeito de cazaca ordena, impertigado, ao creado:

— Lá fóra esse vagabundo esfarrapado e ladrão !

Oh! civilização!... Oh! sociedade educada !...

Atiras os epitetos de vagabundo e ladrão, a uma criança com fome e que tem apenas seis anos de idade!...

O criado empurrou-a até fóra, depois um novo empurrão e ela foi cair na calçada, d'encontro á parede.

Tambem, para que foi a miseravel esfarrapada pôr-se no caminho de quem é feliz ?

Desgraçada !

Fome, desgraça, mizeria !...

Eram nesse momento, nove horas e meia da noite.

SEMOG LEONAM.

(*Continúa*).

O rejimen da fome

No Restaurant Stadt-Munnchen

A crize, a celeberrima *crize*, de braço dado com a inominavel incuria com que encaramos a defeza dos nossos interesses, e como magnifico pretexto, tem concorrido para que a exploração patronal campeie por aí afóra duma fórma assombroza.

As circunstancias ececionaes que ora atravessamos estão a nos indicar claramente a necessidade de uma intensa e bem orientada propaganda, que sacuda com vigor esse ambiente de apatia que nos leva á dezorganização e ao abandono dos nossos interesses, que nos entrega á rapacidade dos corvos do capitalismo.

A hora que passa já não comporta indiferentismos ou siquer indecizões, ela é incompativel com as atitudes platonicas de lamentações vãs ou de queixas mais ou menos sentimentais; é de gestos viris, de atitudes decididas.

Por isso é precizo que saiamos ao campo das nossas reivindicações, a pugnar pelos nossos direitos de trabalhadores, espezinhados pela minoria capitalista, garantida nos seus iniquos privilejios pelos governantes que ela paga e mantém com o nosso proprio suor.

Que venha, pois, essa bemfazeja ação que desfazendo seculares mentiras e erros, destruindo prejuizos arraigados, despertando conciencias, pondo de manifesto a mizeravel trama em que assenta a servidão do proletariado, hade preparar a rezistencia aos despotismos e extorsões que fazem da vida do trabalhador um inferno dantesco.

Então, já não serão possiveis os cazos de revoltante exploração que diariamente constatamos por esses ergastulos do trabalho, os restaurants, hoteis e demais estabelecimentos onde a burguezia *pasteleira* ezerce a sua *atividade* de sangue-suga, com um despudor que corre parelhas com a sua incomensuravel falta de escrupulos.

Cazo tipico é esse do Restaurant Stadt Munchen. O seu atual proprietario, o Sr. Antonio da Mota Bastos, depois de ter estado por algum tempo em disponibilidade, a refazer as enerjias, a gozar a tranquila ociozidade que a sua fortuna lhe assegura, fortuna — digamos aqui entre parentezis, — adquirida e cimentada com o suor e quiçá ! — com a vida dos muitos companheiros nossos que hão passado pela sua caza, voltou de novo á *atividade*, e, pelo visto, disposto a recompor, o mais depressa possivel o seu capital, um tanto combalido pelo tempo passado em disponibilidade.

Efetivamente, mal o Sr. Mota Bastos reassumiu as funções de proprietario do Stadt-Munchen, começou a pôr em pratica um rejimen que condiz bem com o seu temperamento gananciozo e autoritario.

No Stadt Munchen reina atualmente o rejimen da fome. Não ha horarios organizados, os empregados trabalham um numero de horas ecessivas, ao arbitrio do patrão, não ha o minimo respeito pela dignidade dos empregados, que a cada instante são obrigados a ouvir os mais atrevidos improperios.

A comida que é fornecida ao pessoal é tão repugnante que os proprios cães a repeliriam. Basta dizer que todos os pratos encalhados, como sejam leitões, carne assada e outros, são ao fim de quatro e cinco dias aproveitados para a comida do pessoal, um reles ensopado feito de carne deteriorada, pessimamente condimentada e onde o cêbo... o lejitimo cêbo dezempenha o papel principal !...

E a propozito ocorre-nos lembrar aqui, de passajem, que a banha no "chic" Stadt-Munchen é, como se costuma dizer, objeto de luxo, mesmo para os pratos da clientela, ali o cêbo diz a ultima palavra. Assim, mata-se mizeravelmente o pessoal á fome, mas tambem a freguezia não fica de melhor partido e, como mal de muitos é consolo...

Entra um cavalheiro, com fumaças de *gourmet* e pede... pede, por ezemplo, um *filet à la griset* ou um *romsteak* e põe-se a saboreal-o com a voluпia de um Epicuro... Ao cabo de algum tempo, porém, começa a sentir um certo sabor acre no paladar e a lingua é constantemente, insistentemente, convidada a dar um passeiozinho ao *céu da boca* cada vez mais estorricado como o sólo do Ceará.

E' que o cêbo começa então a dar mostras evidentes de que entrou em grande dóze na confeção daquelas "petisqueiras" como valente e "economico" sucedaneo da banha ou da manteiga.

E dizer-se que eziste nesta terra uma repartição com o pompozo titulo de Repartição Geral de Saúde Publica. E' que as enerjias desses senhores esbarram-se todas deante desse deus todo poderoso : o dinheiro.

Ainda ha poucos dias, porque os empregados tiveram a incrivel ouzadia de comer um mesquinho prato de castanhas (era o natal, e eles — injenuos! — supunham tambem poder fazer a sua consoada...), foi o bastante para que o Sr. Mota Bastos fizesse um tremendo escarcéu, ameaçasse céus e terras, chegando até a dizer que para o futuro seria precizo que mandasse pôr um soldado de policia em cada canto, para evitar esses "roubos" ! Tudo isso dito numa linguajem de arrieiro, grosseira e boçal.

Continue, pois, o *honrado* Sr. Antonio da Mota Bastos, ou Sr. *Malabregas*, como é geralmente conhecido no meio *pasteleiro*, a dar largas á sua ganancia sordida, que nós aqui estaremos para lhe fustigarmos com a melhor das vontades o seu desplante inqualificavel.

Os tempos mudam-se e com eles os homens; tempo virá em que os escravos não serão tão doceis.

Então, ai dos exploradores !

NOS DOMINIOS DA ESPLORAÇÃO

O serviço de vagões-restaurants da E. F. C. B.

No numero passado de *O Cosmopolita* dissemos um pouco da exploração de que são vitimas aqueles que as duras coninjencias da conquista do pão levam a procurar trabalho no serviço de vagões restaurants da Central do Brazil. Comtudo, para não tomarmos muito espaço, fomos obrigados a omitir muitos pormenores da exploração reinante no "paraizo perdido" do sr. Cardozo, o feliz arrendatario daquele serviço. Aliás tudo o que possamos dizer aqui, profligando com enerjia a infame tirania que ali-impera, estará muito aquem da verdade dos fatos.

Com efeito só mesmo a profunda indiferença pelos seus mais vitais interesses póde levar uma classe de trabalhadores a um estado de degradante escravidão de que o serviço dos vagões restaurants é o mais edificante ezemplo.

Tem, pois, razão de sobra o sr. Cardozo sentindo-se perfeitamente garantido na sua exploração, em temer impossiveis gestos de revolta dos seus escravos. Cada qual sabe o gado que possue.

Nós, tampouco, ao lançarmos aqui estes brados de revolta contra a sua revoltante e abuziva exploração, o fazemos antevendo a possibilidade absurda de despertar no animo daquela gente a rebeldia contra a exploração ignobil a que estão sujeitos.

O sr. Cardozo, ao ler o nosso artigo esclamou sarcasticamente : "Ora ! eles escrevem isto e, no entanto, juntam-se todos os dias á minha porta para pedir trabalho !"

De maneira que, o gananciozo arrendatario snte-se completamente garantido nos seus privilejios, emquanto prezenciar todos os dias aquele degradante espetaculo de uma multidão de famintos a esmolar-lhe trabalho sem cojitar as condições em que esse trabalho lhe será dado !

Claro que o sr. Cardozo, como bom burguez e como homem do seu seculo, procura tirar dessa *feliz* situação o melhor partido.

E' certo que eles em busca de um mesquinho salario podem muitas vezes encontrar a morte ou adquirir uma horrivel deformidade fizica que o invalide para toda a vida, numa daquelas perigozas passajens de um carro para outro, a carregar bandejas de chá ou café, mas que importa isto quando o sr. Cardozo embolsa todos os mezes os grandes lucros do negocio, sem esforço, sem incomodos, sem riscos de especie alguma !

Todos esses desdens pela vida e pelos direitos dos que concorrem para o seu bem estar feliz e despreocupado já teriam certamente tido um termo si os trabalhadores em hoteis e restaurants olhassem por sua vez com menos desprezo pelos seus proprios interesses.

Ah ! então outros galos cantariam e nós veriamos, orgulhozos e satisfeitos, uma mudança radical nos costumes atuais, um aumento incessante do respeito pela nossa dignidade, pelos nossos direitos, por tudo emfim que nos é infinitamente caro !

Então esse arrendatario ver-se-ia obrigado a colocar os interesses e as vidas dos seus empregados acima das preocupações mesquinhas dos seus lucros desmezurados. Como natural consequencia da dezorganização do serviço surjem as queixas dos passajeiros que se sentem mal e pessimamente servidos e de fato o são. Mas o peior é que esses senhores passajeiros, julgando superficialmente a questão, queixam-se do pessoal, atribuindo-lhes injustamente a falta de presteza e de asseio. Ainda ha poucos dias *A Noite* e a *Gazeta de Noticias* faziam-se écos das gerais reclamações levantadas contra a organização do serviço de vagões restaurants, e lá vinha a reedição de tudo quanto se tem dito em todos os tons a respeito da questão : falta de asseio, comida mal feita, bebidas falsificadas, preços ezorbitantes e por aí afóra, todo um longo rozario de fatos que dão uma ideia do que é aquele serviço, cuja dezorganização vem refletir no pessoal que ali trabalha, expondo-o a injustas acuzações, sujeitando-os a mil e um vexames e estorsões.

S. F.

CONFERENCIAS

O Grupo Editor de "O Cosmopolita", cumprindo, aliás, uma das partes essenciais da sua elevada missão educativa, está organizando para breve uma série de conferencias sobre ciencia, filozofica e outros assuntos que possam interessar aos trabalhadores em hoteis, restaurants, cafés, etc., contribuindo dest'arte a despertar no espirito da classe o amor ao estudo em geral e particularmente aos problemas que condizem com o seu bem estar, difundindo conhecimentos cientificos e filozóficos, dissipando as trevas do erro, da ignorancia e da mentira que tantos e tão profundos males fizicos e morais cauzam á humanidade.

O ilustre medico, dr. João Pedro da Costa, atendendo ao nosso convite, gentilmente prestou-se a abrir a série dessas utilissimas conferencias, dissertando com a proficiencia que lhe é reconhecida, sobre o têma de relevante importancia: "A profilaxia da sifilis".

Essa interessante conferencia realizar-se-á na prossima quinta-feira, 11, ás 21 ½ horas, no salão do Centro Cosmopolita. Para o que chamamos a atenção de todos os companheiros.

A entrada é franca a todos, socios ou não.

Outros amigos comprometeram-se igualmente a nos secundar nesse nosso nobre esforço. Assim, já no nosso proximo numero, esperamos poder publicar a lista das conferencias, bem como dos seus respetivos têmas.

A degringolada

Não temos hoteis, nem restaurants, nem cozinheiros, nem *garçons;* é uma vergonha, é verdade, mas vergonha maior ainda é não haver hoteleiros e não ezistir gastronomos capazes de sustentar semelhantes pretenções.

Sem melindrar as suscetibilidades de quem quer que seja, vamos fazer uma pequena analize do que têm sido as missões de pessoal contratado.

A começar pelo Hotel da Empreza de Caxambú, Guarujá, Parque Balneario, Empreza Julio Conceição, o insucesso do Hotel Moderne, continuamos nos dezenganos da Rotisserie Sportman de S. Paulo e do Magestic Hotel, as cconstantes negativas do Club dos Diarios, o insucesso do famozo Grill Room, o grande fracasso do celebre Cassino Hotel de Petropolis, que acabou por ser os seus frequentadores inumados naquele "ribeiro de ostras" da Praia de Botafogo, o Pavilhão Mourisco.

A que atribuir tudo isto ? Simplesmente á mania de mandar vir de Europa infelizes com as falaciozas promessas, com a doce palavra de contratos.

De estranjeiros deziludidos e ludibriados estão cheios o Rio de Janeiro, Petropolis, S. Paulo e Santos e todo o Brazil e até mesmo todas as republicas sul-americana com eceção da capital platina, que em materia de preconceito já nos tem mimozeado algumas vezes, porque aquele que tem a infelicidade de dizer que pertence á arte culinaria e passou pelo Brazil, não mais tem o direito de ser gente.

Bem se podiam lembrar de contratar esses nossos colegas para civilizarnos um pouco, a ver se podiam realizar essas maravilhas que para nós são um profundo misterio e para eles é tão facil, aproveitando a circunstancia de não estarem eles sujeitos á guerra, como nós que vimos de Europa em tempos de paz e que nos esquecemos de trazer conosco o mais essencial; é que ignoravamos que aqui não havia cozinha nem bateria, e si falamos em montar uma brigada aqui só conhecem a Brigada Policial...

Si vamos ao açougue, temos que aprender de novo, mas isto, ao menos, é breve, o peor são aquelas mascotes, que achamos nas cozinhas como, por ezemplo, um leitão para criar, com dois ou tres mezes, um cabrito, uma enorme quantidade de pombos, um despertador "das tres e meia para as quatro", um garnizé que não deixa descançar a ninguem.

A todas estas peripecias já estamos acostumados, bem entendido : pela extrema necessidade. Recomendamos a esses gastronomos que influem por essas emprezas ezistentes e futuras de Buenos Aires, — *buena tierra pero no de Santa Fé para llorar* porque chorões aqui já temos demais — a ver si podemos curar o Central Club, com uma lavagem radical naquela irritação intestinal.

Quanto ao Palace Club, todos os esforços da ciencia foram inuteis para pol-o fóra de perigo, todos os remedios sem rezultado especial. Aplicaram-lhe *as famozas pastilhas Lopes, os cinapismos Labanca,* as injeções hipodermicas da Boemia. Andava um pouco melhor (não podemos precizar porque intervenção), mas propinaram-lhe uma pilula dura Batistina, que lhe deu um rezultado fatal.

Haviamos pensado em confial-o aos cuidados do *professor* Azurém Furtado, pois que, si pudessemos pol-o fóra de perigo, facilitaria a dezinfeção do *elefante branco,* que ouvimos dizer que a Companhia já tem feito grande encomenda de tubos de sôro anti-pastozo do Instituto *Ojo de Montery* e defumadores das fabricas afamadas *Machendon et Momm,* desconfiados de que esteja contaminada daquele terrivel bacilo *urucubaca.* Aproveitando a ocazião bem aplicar o famozo raio X no Restaurant Assyrio que já aprezenta sintomas de contaminação, sinão de urucubaca, de outro mal igualmente contajiozo.

Uma Vitima.

Trechos escolhidos

O que as pesoas a quem nada falta não podem comprehender é que as pessoas a quem tudo falta tenham a audácia de se queixar. Quem é que as impede de enriquecer ?

E, nesse ponto, lá vem todo o estendal das ladainhas habituais sôbre o poder da economia. Vocês não têem vintém? dizia-se já em 1848: pois ponham isso na caixa econômica e na velhice lá o hão-de encontrar.

Os sorrizos dos individuos que de nada carecem não obstam a que a sociedade seja feita de tal modo que, de dois seres humanos que nacem, um é criado no meio de rendas, dezenvolve-se, crece rodeado dum luxo devido ao trabalho de outrem; chegado á idade adulta, diverte-se a seu talante, desde manhã até a noite, e leva até á morte uma ezistencia apenas perturbada pelas dôres comuns, gastando de tudo sem produzir coiza alguma; ao passo que o outro, mizeravel que não come nunca até se fartar, obrigado desde a mais tenra idade a uma labuta dezesperada, arrasta penozamente uma vida toda consagrada a embelezar a do primeiro.

... Que a dezigualdade tenha constantemente reinado sôbre a terra é coiza, na verdade, dificil de negar; mas que ela haja de reinar eternamente é uma consequência que não nos parece forçada. O estabelecimento da justiça será, estamos lonje de discordar, uma transfôrmação consideravel; mas se nunca se começar, sob pretexto de que isso é inutil e que nunca lá havemos de chegar, então é certo que nada mudará. Ninguém deve ter direito ao luxo, enquanto houver quem careça do necessario.

HENRY MARET.

(Coups d'alles).

De "Aurora", do Porto.

A PROPOZITO DE 7 DO JANEIRO

Grande comicio de propaganda no Centro Cosmopolita

Domingo prossimo, ás 21 horas, comemorando a passajem do 4° aniversario do movimento grevista de 1912, realizar-se-á na séde do Centro Cosmopolita, á rua do Senado 215-217, importante comicio de propaganda ao qual poderão comparecer todos os companheiros, indistintamente, socios ou não.

Companheiros !

Na faze critica que atravessa o proletariado do mundo inteiro, no meio da crecente exploração capitalista, nesta hora de intoleravel mal estar, precizamos dar uma eloquente demonstração de que não nos conformamos com este viver de escravos e qeu aspiramos despedaçar os grilhões que a ele nos prendem !

Todos ao comicio !

A covardia em ação

Zurzido pelas duras verdades que, justamente indignados com o seu infame procedimento, lhe temos desferido destas colunas, o desfibrado E. Vasquez, *maitre d'hotel* do Hotel dos Estranjeiros, entrou a cevar seus odios covardes nas pessoas de alguns companheiros que ali trabalham, e que, pelo fato de manterem uma conduta de inquebrantavel altivez, prezume o Emilio serem os nossos informantes das suas infamias.

E' esse, aliás, o traço carateristico do feitio de todos os traidores e covardes : fanfarrão com os fracos e pussilanime com aqueles dos quais dependem.

Emquanto o repelente tipo se desfaz em curvaturas e frazes nas quais transparecem em toda a sua hedionda repulsão a sua alma de lacaio, transmuda-se logo em ridiculo tirano, quando trata com aqueles que têm a infelicidade de trabalhar sob as suas ordens.

A asqueroza alimaria, guindado aquele logar por condescendencia incrivel da classe num momento de memoravel ajitação, e em que podia e devia impedil-o, julga-se agora um verdadeiro deus inatinjivel, de cujas alturas nenhum mortal o poderá apear.

Ha dias foi um nosso companheiro vitima da prepotencia e covardia desse tipo. O Emilio soubera que esse companheiro era associado do Centro Cosmopolita, daí tel-o sob as suas vistas, tornando-o alvo das suas pequeninas vinganças, a aguardar a ocazião azada para desferir-lhe o golpe premeditado.

Essa ocazião depressa chegou. Emilio, em ancias insofridas por dezempenhar o seu insoportavel e ridiculo papel de tiranete, chamou o nosso companheiro, e com ares de Kaiser sem bigode e sem cétro, preparava-se para lhe passar uma *sevéra* repreensão, quando o nosso companheiro altivamente o repeliu, lançando-lhe á face, donde os sinais de brio ha muito dezertaram, as mais tremendas apostofres, em verdade bem dificeis de engolir, mas que o incomparavel poltrão ouviu "sem tujir nem mujir" ; e, para não ir mais além, pediu as suas contas.

Que o afeminado *maitre d'hotel* encontre sempre pela prôa homens dessa tempera são os votos que daqui ardentemente formulamos.

E que os possiveis continuadores do gesto desse companheiro a que nos vimos referindo não se limitem apenas ás palavras, que naquele individuo já não produzem nenhum efeito moral ; ha outros meios mais expéditos e, sobretudo, mais convincentes...

Para refletir

O ezército não é sinão um conjunto de assassinos disciplinados. A sua instrução provém da escola do crime e as suas vitórias são massacres. — TOLSTOI.

Nas pequenas sociedades não dezenvolvidas, onde ha reinado durante séculos uma paz completa, não eziste nada parecido ao que chamamos governos; não ha nelas nenhuma organização coercitiva, sinão, quando muito, alguma supremacia honorifica. Nestas comunidades ececionais, que não são agressivas, e que por cauzas especiaes se vêm livres de toda agressão, são tão rados os desvios das virtudes fundamentais: veracidade, honradez, justiça e generozidade, que basta para contel-as que a opinião publica se manifeste de vez em quando em assembléas de anciãos convocadas a interval-os irregulares. — HERBERT SPENCER.

Sabe-se perfeitamente que os capitais não têm patria. Vão para onde acham maiores vantajens. Fazem-se transfúgas sem escrúpulo. Colocam-se com indiferença ao serviço de uma nacionalidade estranjeira ou mesmo hostil, si as condições que ela lhes oferece são preferiveis. — E. LEVERDAYS.

A relijião é o dezenvolvimento suntuozo dum instinto comum a todos os brutos: — O terror. — EÇA DE QUEIROZ.

Nem uma unica semente lançada á terra pelo trabalho e pelo estudo deixou ainda de vingar e de frutificar em rezultados decizivos de tolerancia, de paz, de liberdade e de justiça. — RAMALHO ORTIGÃO.

Lérias e Trêtas

Ha dias fui despertado pelo insistente tilintar do timpano da Assistencia, Eram seis horas; levantei-me, vesti-me e saí. Na rua soube que a Assistencia fôra socorrer um homem que ao passar em frente a uma caza de jogo, onde retinia uma campainha eletrica para chamar a atenção da freguezia, desprendendo-se a mesma do respetivo logar, lhe veiu bater com tal força na cabeça, que o homem caiu sem sentidos.

Achei o cazo extraordinario, mas emfim são fatos que se podem dar, e a prevenção, a quem anda de azar como eu, é sempre boa. Segui o meu caminho pela Avenida Rio Branco, fui tomar café no Belas Artes; *entrei, tudo ali estava num relijiozo silencio. Comecei a tomar a minha* média. *A freguezia ia entrando; na caixa, uma gentil e formoza* demoiselle *fazia soar o timpano despertando o pessoal que com presteza atendia aos clientes. Dentro em pouco começaram a tocar outras campainhas em diversos lugares e varios tons, emquanto eu, recordando o dezastre de pouco antes, reparava que não viesse alguma a cair-me em cima. Intrigado, perguntei a um dos caixeiros que mão misterioza tocava tão infernal concerto de campainhas (havia uma para a cozinha, outra para o balção, uma outra para as mezas, mais outra para o varejo dos cigarros e ainda outra para a caixa).*

— E' a caixa *— disse o caixeiro.*

Olhei e reparei que a caixa *movia com ajilidade as mãos, dando a impressão de que ela estivesse fazendo ezercicio num teclado de piano. De repente ressôa sobre a minha cabeça uma delas, em tom mais agudo; levantei-me espavorido. E o caixeiro, vendo o meu espanto, disse, a tranquilizar-me, "não ha nada, esta é mais forte, para dar* alarme *para as mezas da rua. Mas* alarmado *saí eu, e tomei a direção da Avenida Beira-Mar.*

Mais tarde encontrei um amigo que se propoz a pagar-me o almoço; dezempregado, sem dinheiro e sem credito, não relutei em aceital-o. Voltámos outra vez ao centro da cidade. Iamos passando a rua do Ouvidor e o amigo convidou-me a tomar um aperitivo no Café do Rio. Tomámos assento a uma das mezas; havia na caza pouca freguezia, mas, por azar, começou logo a encher-se, e era então um deus nos acuda, *como se costuma dizer. O homem da caixa era um verdadeiro datilografo. Saímos e fomos então almoçar numa caza de petisqueiras. Quando o amigo falou em "petisqueiras", fiquei mais tranquilo, pois nas* petisqueiras *a infernal campainha é pouco uzada. Entretanto, sabendo que o meu amigo é um tanto esquizito e ezigente, acostumado a passar bem, pois frequenta restaurantes de primeira ordem, preveni-o logo: "Olha, tu não podes comer á tua vontade nas "petisqueiras"; não é porque essas cazas não tenham bons generos, é que tu és meio afrancezado, e o pessoal desconhece até os pratos portuguezes, quanto mais os francezes... A propozito vou citar-te um fato ocorrido numa caza de fama antiga: dois meus colegas estavam de folga e foram almoçar no celeberrimo* quarenta *da rua da Conceição. A carta anunciava "miolos guizados", e um dos aludidos colegas pediu ao* garçon *"miolos ao molho de azeitonas". O* garçon *foi á cozinha e dentro em pouco voltava para dizer-lhe: tenha paciencia, mas não se póde fazer o seu pedido, pois não temos aí esse "molho (!...)*

Esta era daquelas que se costuma dizer que são de "cabo de esquadra"... e dezabonam bem a "patria" de Camões, e geralmente é isto mais ou menos em todas as chamadas cazas de petisqueiras.

O meu amigo, rizonho, respondeu-me: pois vou levar-te a uma que em tudo abona Portugal.

Atravessámos o Largo de S. Francisco, mais alguns passos, entravamos na caza que fica na rua Tucuman; eu procurava com atenção descobrir uma falta para apontal-a ao meu amigo, o que — devo confessal-o — não me foi possivel, durante uma hora, tempo este que durou o almoço; tudo bem disposto, generos de primeira ordem, conservas e bebidas dos melhores fabricantes, legumes e frutas escolhidas, emfim, tudo isto em bem ordenada dispozição, impressionava agradavelmente as vostas da freguezia, e deixava bem patenteado ao freguez que de petisqueiras só tem o nome, pois é um bom restaurant...

O pessoal, que nada deixa a dezejar nos seus conhecimentos tecnicos, asseiados, delicados e muito atenciozos... Tudo em suma concorre para poder ser considerada uma caza modelo.

Mas (sempre um "mas"...) em campainhas bate o record!...

Ali, então, eram tantas, que eu já não me lembrava mais do dezastre, tinha antes uma saudoza recordação de carrilhão famozo das "festas joaninas" do Campo de Sant'Anna!...

Ali as campainhas formam as sete notas da musica. Só as dos gabinetes (que são quatro), e a da porta da entrada, fazem cinco, que vêm a ser: Ré — Mi — Fa — Sol — La. A da cozinha faz o — Si — e na caixa o — Dó — esta é que impõe mais cuidados aos garçons, *como a dizer: "tem dó, não te esqueças de dar a "nota" de tudo que serviste ao freguez"... "que eu não o vi nascer"...*

MOXILA.

Pelos Restaurants

(ALFINETADAS)

O chefe do erviço de banquetes da Confeitaria Colombo

Em referencia aos serviços grandes dessa acreditada confeitaria, e ao processo para os mesmos, seguidos pelo chefe, o sr. Bentinho, aqui vão algumas notas para que os seus proprietarios se inteirem devidamente.

Quando ha um grande serviço, o tal Bento dirije-se ao sr. Camilo, empregado da Caza Lallet: — "O' Camilo, preçizo de cinco copeiros."

—Pois não, — responde logo o Camilo — é daqueles que trabalham no Assyrio?

— E' sim, porque com eles nós podemos tirar a nossa omissão. Como você sabe, os outros são muito "sabidos" e entendidos em "economias", fazem questão de receberem integralmente o que a caza paga.

Mas que "aguias"!

—

Restaurant Assyrio

Lembramos ao companheiro Pepe, gerente do Assyrio, a opportunidade de modificar o regimen a respeito dos extraordinarios ém banquetes, pagando aos copeiros o que lhe pertence, e que o companheiro não ignora.

E' uma medida de estrita justiça, que esperamos será adotada.

A Cezar o que é de Cezar...

—

Cremos que o companheiro fará uma obra meritoria, expurgando o Assyrio dos restos do rejimen de extorsões ali implantado pelo famijerado Lorenzo Olivera.

—

As finanças da Franziskaner e os seus "garçons"

Chegou ao nosso conhecimento que os proprietarios do restaurant e bar "A Franziskaner", devido á conflagração europeia, e consequentemente não andando muito bons os negocios rezolveram pôr em pratica os remedios que a ciencia economica aconselha em tais cazos. Como, em se tratando de economias quem "paga o pato" são os empregados — e particularmente os "garçons", — estava o mal desde logo sanado: "Os caixeiros é que nos vão salvar a situação! O seu ordenado de 60$ mensais nós reduziremos á metade, isto é, 30$, mas com boia. E olhem que já é sorte, porque os nossos vizinhos e colegas ali do Bar Nacional pagam 30$ a seco. Além disso os nossos empregados são rapazes morijerados" e "cordatos", não andam em "más companhias"...

X.

ROTISSERIE RIO BRANCO

—

Umas *alfinetadas* saidas aqui num dos numeros de *O Cosmopolita* sobre os bofes para a comida do pessoal na Rotisserie Rio Branco foram o suficiente para que o sr. Hermida, atribuindo-as a um companheiro que ali trabalhava, o despedisse.

Bem aviado estará o sr. Hermida si intenta despedir a todos os empregados supondo-os nossos "reporters"!

Ora, sr. Hermida! A nossa reportajem é invizivel, é assim uma especie de *fluido*...

Sinão, vejamos: no prossimo numero, havemos de contar aqui algumas *cositas mas* que hão de trazer-lhe de canto chorado...

—

OS MORANGOS E A FARINHA DE MANDIOCA NO SUL AMERICA

Decididamente o sr. Fontainhas é fertil em invenções... (como diremos?) sesquipedais! Outro dia era aquela historia dos guardanapos no forno. Agora são uns morangos. O sr. Fontainhas viu os pobres morangos naturalmente humidos e, vai dai, para seal-os despeja-lhes em cima um vazo de farinha de mandioca!

Decididamente o sr. Fontainhas tem o merito das invenções comicas.

Rejistre-se.

A Ciencia e a Relijião

A iluzão amplía e deforma tudo.

Si menciono a iluzão é em virtude de suas relações com as relijiões. Estas com efeito, estão fundadas sobre a ignorancia, o medo e a iluzão.

Abro a historia sagrada e leio: Deus criou o céo e a terra em seis dias, e, como cansado por tão imenso trabalho, descansou ao setimo dia. No primeiro dia fez a luz... e até o dia quarto não fez o sol.

A ciencia ensina que a luz na terra procede unica e escluzivamente do sol, ao qual por este motivo chamam os poetas esplendorozo astro do dia.

Deus formou o primeiro homem do barro da terra, e, durante seu sono, extraiu-lhe uma de suas costelas e dela formou a primeira mulher.

Parece natural que como rezultado desta operação o homem tivesse uma costela de menos; mas, nada disso, tem a conta ezáta. A ciencia demonstra, ao demais, que temos os elementos de um par de costelas em cada um dos seus segmentos cerebrais, quer dizer, tem pelo menos 29 pares, como para demonstrar que entre os seus antepassados animais os haviam que tinham mais de doze pares de costelas.

Deus colocou a Adão, o primeiro homem e a Eva, a primeira mulher, em um jardim deliciozo, o Paraizo Terreal.

Poz nele a arvore do bem e do mal, e proibiu ao homem tocar-lhe, mas Eva, como mulher, deixou-se tentar pelo mais astuto dos animais, a serpente, animal imundo que podia não ter criado, e colheu a maçã fatal.

Porque se estabeleceu que a geração seja um mal? A geração é uma das forças naturais mais poderozas a que estão submetidos todos os seres viventes, conduzidos forçozamente pela fome e pelo amor.

Passemos adiante.

Jozué deteve o sol, que é mil trezentas vezes maior que a terra, e move-se no espaço com uma rapidez de oito kilometros por segundo, de quinze a vinte vezes a velocidade de uma bala de canhão.

A mecânica demonstra que se necessitaria de um esforço incomensuravel para deter o sol, o que si fôra possivel que o globo terrestre se lhe puzera adiante para impedir-lhe a passajem..., o choque reduziria a terra a pó.

E com que fez Jeová tudo isso? Com coiza alguma.

O pozitivo é que a balança do grande Lavoisier demonstrou que tudo muda, que tudo se transforma, mas que nada se cría, nada se perde.

A materia é indestrutivel, e a materia radiante, o Radium não negou até agora essa lei.

Pégo de um pedaço de gelo, é agua *sólida*. Ponho-a a uma temperatura superior a 0°, funde-se; tenho uma "liquida". Aqueço-a a 100°, transforma-se em vapor; tenho agua em estado "gazozo", cujo imenso esforço de dilatação poria em minhas mãos a força que faz correr as nossas locomotivas sobre os "rails" com uma velocidade de cem kilometros por hora, a que transporta os nossos trazatlanticos atravéz dos mares, a que move o enorme martelo pilão das nossas fabricas.

CH. DEBIERRE.

(Traduzido do Almanáque de "Tierra y Libertad", de 1915).

(Continua)

Um diario anarquista

Baila, ha já algum tempo, no cérebro de alguns camaradas preocupados em dar uma mais larga expansão á propaganda dos ideais libertarios, arrancando-a das estreitezas em que até aqui tem vejetado entre nós, atrofiada, sem quazi produzir nenhuma mossa na espessa muralha dos preconcei- e das mentiras convencionais em que se assenta a sociedade atual, sem produzir nenhum ruido nos arraiais da satisfeita burguezia, a ideia, decerto arrojada, da publicação de um diario anarquista.

"Um diario anarquista! Decididamente os camaradas deliram!"

Tais serão as expressões...

Nós estamos perfeitamente vendo esboçar-se na fizionomia de cada um dos que lerem estas linhas um sorriso de incredulidade ou de zombaria.

E as objeções não tardarão em aparecer... Cada qual mais "consistente", mais "pezada", pais "sensata", mais "pratica": a carestia do papel, a crize economica, etc., etc.

Ora, nós temos a mais invencivel idiozincrazia por essa coiza a que se convencionou chamar "espirito pratico", "senso pratico", cujos possuidores só mesmo munidos de todo um complicado sistema de pesos e medidas, com uma taboada, etc., a medir, a pezar, a contar todas as possibilidades de ezito e depois de bem viziveis e bem palpaveis é que se lançam em qualquer empreza por mais modesta que sejam as suas proporções. A audacia é a inseparavel companheira do ezito.

O sucesso das mais arrojadas emprezas humanas tem sido em grande parte devida á audacia e á tenacidade dos seus emprendedores.

Nós julgamos possivel a publicação de um diario anarquista no Rio, desde que esse diario seja amparado pela conjunção dos esforços de todos os elementos anarquistas, não só desta cidade como do Brazil inteiro.

Para isso é preciso que, uma vez assente a viabilidade da ideia, não haja uma só discrepancia e que todos unidos se dediquem de "corpo e alma" sinceramente dezejozos de dotar a propaganda dos generozos ideais de perfetibilidade humana de um orgão poderozo de difuzão.

O momento, apezar das angustias economicas, que as não desconhecemos, por isso mesmo que as sofremos, é dos mais propicios á sementeira dos nossos ideais.

Por toda a parte os sentimentos de solidariedade, sempre latentes na alma humana, são brutalmente chocados pelos epizodios sangrentos da maior chacina que rejistra a historia. Sopra um vento de profundo mal estar, e um sentimento de surda revolta começa a germinar nos cérebros e nos corações feridos pelo espetaculo das injustiças da sociedade prezente, consegue romper com estrepito o dique da hipocrezia, das conveniencias e até mesmo da covardia, e ameaça fazer ruir o velho mundo de opressões...

A onda crece, avoluma-se, e nós, os anarquistas, que fazemos? Publicamos — quando publicamos — um raquitico quinzenario

ou mensario, de modesta tirajem, e o distribuimos entre nós mesmos!

Atravesamos um instante unico na historia, e si dele não soubermos aproveitarmonos para imprimir á nossa propaganda um impulso vigorozo, dezistamos de qualquer esforço, porque, então, a experiencia nos terá demonstrado que somos organicamente impotentes, e que devemos portanto sucumbir!

Estamos numa segunda edade média e dela, ou sairemos para uma segunda Renacença ou nos submerjiremos no cáos, num retrocésso de muitos seculos.

Entre alguns camaradas acordes com a publicação de um diario anarquista fica constituida uma comissão com o fim de propagal-a e provocar a discussão sobre a sua possibilidade. Essa comissão, dando inicio á sua tarefa, lança hoje a idéia destas colunas, cedidas de boa vontade pelos amigos de *O Cosmopolita*, esperando que os camaradas escrever-lhe-ão, comunicando-lhe as suas impressões, alvitrando meios ou ponderando sobre este ou aquele ponto.

Aqui estamos para responderlhes com a boa vontade que nos empresta a sublimidade das ideias a que nos devotamos com sinceridade.

A COMISSÃO.

AVISO IMPORTANTE

Estamos enviando o "Cosmopolita" a todos aqueles companheiros que supomos simpatizantes com a nossa ação e nela reconheçam utilidade.

Esperamos que todos os companheiros se apressem em corresponder aos nossos esforços pela defeza dos interesses da classe, tomando uma assinatura do jornal.

E' a assinatura o apoio mais eficaz que os companheiros podem prestar ao jornal, concorrendo para a consolidação da sua ezistencia.

Cojitamos dar um maior dezenvolvimento ao periodico, já aumentando-lhe o formato, já publicando-o semanalmente, afim de que ele possa satisfazer ás necessidades da defeza dos interesses da classe, enfrentando com denodo e com dezassombro a vil e mizeravel exploração da corja capitalista; e só contando com o aussilio decidido de quantos na classe empregam a sua atividade, sofrendo os maiores vilipendios á sua dignidade de homens, podemos levar por diante o nosso intento.

Aussiliai, portanto, o "Cosmopolita", fazei com que os vossos conhecidos o façam tambem, e tereis dado um passo decizivo no caminho da vossa propria emancipação, preparando-vos um futuro de bem estar e liberdade.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*